

AFINAL, QUAL É O CUSTO DO LEITE?

Sebastião Teixeira Gomes¹

O custo de produção do leite é um instrumento importante para o empresário, na administração de seus negócios, para o governo, no estabelecimento de políticas, e também para os representantes dos produtores, no encaminhamento de suas reivindicações. Embora sejam justificativas relevantes, não tem sido muito freqüente o cálculo do custo de produção de leite; muitas vezes, quando é feito, o resultado é questionado, sob a alegação de que o custo calculado por essa instituição é menor ou maior do que aquele de outra instituição.

As razões para tais diferenças são de três categorias: A primeira diz respeito ao sistema de produção que serviu de base para fornecer os coeficientes técnicos. A segunda refere-se aos critérios metodológicos utilizados, tais como inclusão ou não de juros no valor da terra; utilização de centros de custos ou preço de mercado em todos os insumos e serviços, quer sejam produzidos ou não na própria empresa. A terceira diz respeito à coleta, à interpretação e ao ajuste dos dados utilizados no cálculo do custo de produção de leite.

Ainda que a primeira e a segunda razão causem diferenças significativas no resultado final, a terceira tem sido responsável pelas maiores diferenças dos custos apurados pelas instituições que realizam esses cálculos. Esta é a motivação deste artigo, que se propõe a discutir alguns aspectos da coleta, da interpretação e do ajuste dos dados.

De início, uma definição importante: O custo de produção deve ser determinado “a posteriori”, ou seja, no final do período analisado. Se o período for de um ano, coletam-se os dados referentes a este ano e, no final, determina-se o custo, com as quantidades de insumos e serviços que realmente foram utilizadas. Sendo determinado “a posteriori”, o custo não tem utilidade para aquele período, isto porque o que tinha que acontecer já aconteceu. Por exemplo, ao final do ano verifica-se que o custo com medicamentos está muito elevado. De nada serve, para aquele ano, essa verificação, porque não tem como voltar o tempo.

A real utilidade do custo é para o próximo ano, embora tenha sido determinado com dados do ano anterior. Para que tal utilidade se confirme, é necessário fazer a seguinte hipótese: Se, no próximo ano, repetir tudo o que aconteceu no ano anterior, o custo de produção do próximo ano será igual ao do ano anterior. Essa hipótese tem uma implicação muito importante: “O sistema de produção do ano anterior tem que ser reproduzível para o próximo ano”. Se não for, o resultado do custo será maior ou menor do que deveria ser.

Para entender a necessidade do sistema reproduzível, vamos utilizar a figura de uma bacia, que está com água até o meio. De um lado da bacia entram os insumos (ração, fertilizantes, medicamentos e outros) e serviços (mão-de-obra, serviços mecânicos e outros) e, de outro, saem os produtos (leite, animais vendidos e esterco). Ao final do ano, a bacia deve estar como no início, com água até o meio. Não poderá sobrar nem faltar nada. Tudo que entrou na forma de insumos e serviços deve sair na forma de produtos. Se sobrar, pode estar havendo aumento de patrimônio, se faltar, diminuição. Se assim for, não será uma situação igualmente reproduzível.

¹ Prof. titular da Universidade Federal de Viçosa. Escrito em 03-05-00.

Alguns exemplos podem facilitar o entendimento: 1) Durante o ano, são feitas despesas com cria e recria de bezerros, mas eles não são vendidos neste ano. Aí, no final do ano, sobram produtos na bacia; 2) Durante o ano, são incorporadas à categoria de vacas 20 novilhas e, neste ano, são descartadas 35 vacas. Aí, no final do ano, faltam produtos na bacia.

Os argumentos apresentados conduzem, naturalmente, à necessidade de ter rebanhos estabilizados, em número de animais e carga genética, para o cálculo do custo de produção. Mantida a estabilização, no final do ano não sobra e nem falta nada na bacia. O problema, aliás, o grande problema, é que, na prática, dificilmente são encontrados rebanhos estabilizados. Isto implica ajustes nos dados para tornar o sistema reproduzível. Aí está a principal fonte de variação nos resultados de custo de produção que são apurados pelas instituições. É preciso ter muita sensibilidade técnica para que o ajuste não distorça o custo de produção.

O procedimento utilizado no ajuste dos dados de rebanhos não-estabilizado é o de incluir na renda bruta a variação de inventário animal. Tal variação é igual ao valor do rebanho no final do ano menos o valor do rebanho no início do ano e menos compras de animais feitas no ano, com os preços unitários constantes. Em rebanhos estabilizados, a variação do inventário animal é igual a zero. Mesmo adotando esse procedimento, há necessidade de muita cautela na interpretação dos dados, sob pena de distorcer completamente o custo de produção de leite.

Finalmente, pode-se perguntar: Por que o ajuste na composição da renda bruta afeta o custo. A resposta é que a conversão do custo da atividade leiteira (inclui a produção de leite e a cria e recria de animais) para o custo do leite é feita a partir do percentual que o valor da produção de leite representa sobre a renda bruta (venda de leite, venda de animais e variação do inventário animal). Isto significa que a inclusão da variação do inventário animal poderá aumentar ou diminuir a renda bruta, o que implica diminuição ou aumento da participação relativa da venda de leite na renda. A consequência natural dessas variações é aumento ou diminuição do custo de produção de leite. Por exemplo, o custo da atividade leiteira é igual a R\$ 0,40/litro. Se o valor da produção de leite representar 80% da renda bruta, o custo do leite será de R\$ 0,32/litro (80% de 0,40). Entretanto, se tal percentual for 60%, o custo do leite será de R\$ 0,24/litro; se for 90%, de R\$ 0,36/litro. As diferenças são significativas e mostram a relevância da interpretação dos dados.

A participação da venda do leite na renda é maior em rebanhos mais especializados na produção de leite e menor em rebanhos menos especializados.

Nos últimos anos, tenho determinado custos de diferentes sistemas de produção, desde os de gado azebuado (menos de 1/2 HZ) até os de gado puro holandês. Ao agrupar esses sistemas em três classes, de acordo com a raça e com o grau de sangue dos rebanhos, as participações mais freqüentes da venda de leite na renda são as seguintes: em torno de 90% para os sistemas de gado puro holandês; em torno de 80% para os de gado mestiço (variando de 1/2 HZ a PC), e em torno de 70% para os de gado azebuado (menos de 1/2 HZ). Evidentemente que esses valores não são os únicos, apenas os mais freqüentes. Eles servem mais como referência do que como regra. É preciso ter cautela até no uso dessas referências, sob pena de o resultado não refletir a realidade do produtor de leite. Aliás, isto é o que mais se vê. Os resultados do custo indicam um caminho e o produtor vai para outro. Quem está certo, o produtor ou o calculador? O tempo dirá.